

Brinquedoteca Hospitalar: O Papel do Pedagogo no Desenvolvimento Clínico e Pedagógico de Crianças Hospitalizadas

*Claudia Aparecida Silvério¹
Juliana de Alcântara Silveira Rubio²*

Resumo

A brinquedoteca é um espaço criado para favorecer o brincar. Dentro do hospital a brinquedoteca possibilita momentos de lazer e aprendizagem através da ludicidade. É papel do pedagogo dentro de uma brinquedoteca hospitalar, possibilitar a interação da criança enferma com seus aspectos saudáveis.

Palavras-chaves: Brinquedoteca, Hospital; Criança; Pedagogo; Lúdico.

1. Introdução

A abordagem escolhida para este trabalho foi a brinquedoteca hospitalar e o trabalho do pedagogo no desenvolvimento clínico e pedagógico das crianças hospitalizadas por acreditar que, apesar da pedagogia hospitalar estar se expandindo, o papel deste profissional fora do âmbito escolar seja ainda obscuro.

Por meio deste artigo pretende-se contribuir com o cenário educacional trazendo dados sobre essa profissão bem como o trabalho deste profissional dentro de uma brinquedoteca hospitalar refletindo assim no desenvolvimento escolar e físico das crianças hospitalizadas.

A brinquedoteca hospitalar no Brasil ainda é recente e pouco conhecida. A lei 11.104/2005, de autoria da Deputada Luiza Erundina (PSB - SP), no ano de 2005, tornou obrigatória a instalação de brinquedotecas em hospitais públicos e privados que possuem unidades pediátricas no Brasil. Nos hospitais que implantaram brinquedotecas, essas práticas educativas, recreativas e artísticas, geralmente são realizadas por voluntários, brinquedistas e professores hospitalares. Essas pessoas procuram oferecer, através do lúdico, condições dignas de internação, mesmo nos momentos difíceis no hospital.

A prática do pedagogo na brinquedoteca se apresenta através das variadas atividades lúdicas e recreativas como a arte de contar histórias, brincadeiras, jogos, dramatização,

¹ Pedagoga pela Faculdade de Administração e Ciências Contábeis de São Roque; aluna do curso de pós graduação em Psicopedagogia Clínica e Educacional da UNINOVE-São Roque.

² Mestre em Educação pela UNESP-Marília. Professora Orientadora.



desenhos e pinturas, para continuação dos estudos no hospital. Essas práticas são as estratégias da pedagogia hospitalar para ajudar na adaptação, motivação e recuperação do paciente, que por outro lado, também estará ocupando o tempo ocioso. O pedagogo hospitalar busca modificar situações e atitudes junto ao enfermo, as quais não podem ser confundidas com o atendimento à sua enfermidade. De uma forma é um trabalho conjunto no próprio hospital.

O pedagogo tem a função de orientar, estimular e motivar a pessoa enferma e hospitalizada a prosseguir com seu aprendizado, afinal ela continua em crescimento e desenvolvimento e este processo não pode e não deve ser interrompido por ocasião de uma internação

Este artigo objetiva descrever e analisar o trabalho de um pedagogo no desenvolvimento clínico e pedagógico de crianças hospitalizadas dentro de uma brinquedoteca, fazendo uma relação entre a teoria e a prática.

Entendemos que a brinquedoteca hospitalar seja um espaço de promoção das interações entre as crianças e os adolescentes, possibilitando momentos de lazer, socialização e aprendizado, resgatando a auto-estima, a alegria e a vontade de viver.

2. Brinquedoteca

A brinquedoteca é um espaço criado para favorecer o brincar. É um local de descobertas, estimulação e criatividade e independente do tipo, objetiva resgatar o lúdico e a ludicidade infantil. Segundo Friedmann (1992, p.30):

A brinquedoteca é um espaço privilegiado que reúne a possibilidade e o potencial para desenvolver as características lúdicas. É hoje, um dos caminhos mais interessantes que pode ser oferecido às crianças de qualquer idade e faixa sócio-econômica. O intuito é o de resgatar, na vida dessas crianças, o espaço fundamental da brincadeira, que vem progressivamente se perdendo e comprometendo de forma preocupante o desenvolvimento infantil como um todo.

Percebe-se atualmente que as crianças são privadas de um espaço ideal para desenvolver suas potencialidades. Os pais por conta do trabalho, não dispõem de tempo para brincar com seus filhos. Por isso, as crianças passam a ocupar seu tempo assistindo programas de televisão (muitas vezes inadequado para a idade), brincam de jogos e brinquedos eletrônicos e acabam por desinteressar-se pelo modo de brincar criativo e não programado.



Nesse contexto, a brinquedoteca, segundo Cunha (1994) é um território onde são defendidos os direitos da criança à infância, ela foi criada para as crianças que, em nome do progresso de nossa civilização, perderam o espaço e o tempo para brincar.

A criança quando entra em uma brinquedoteca deve ser tocada pela magia proporcionada pelo ambiente através da sua decoração, pois a alegria e o afeto devem ser palpáveis. Se a atmosfera não for encantadora não será uma brinquedoteca. Uma sala cheia de estantes com brinquedos pode ser fria. Sendo um ambiente para estimular a criatividade, deve ser preparado com espaços que incentivem o faz de conta, a dramatização, a construção, a solução de problemas, a socialização e a vontade de inventar.

Quando alguém chega à porta de uma brinquedoteca deve ser tocado, deve ser atingido pela magia do lugar; precisa sentir que chegou a um lugar muito especial, pois é um lugar onde se respeita o ser humano criança e o mistério do seu vir a ser.(CUNHA, 1994, p.15).

Santos (1997) relata que uma Brinquedoteca não significa apenas uma sala com brinquedos, mas em primeiro lugar, uma mudança de postura frente à educação. É mudar nossos padrões de conduta em relação a criança; é abandonar métodos e técnicas tradicionais; é buscar o novo, não pelo modernismo, mas pela convicção do que este novo representa; é acreditar no lúdico como estratégia do desenvolvimento infantil.

A brinquedoteca tem como objetivo valorizar as atividades lúdicas e criativas, possibilitando uma variedade de brinquedos, emprestarem brinquedos dando orientação sobre adequação e utilização dos mesmos. Ela também estimula o desenvolvimento global das crianças e enriquece as relações familiares desenvolvendo hábitos de responsabilidade e trabalho, dando condições para que as crianças brinquem com espontaneidade, despertando o interesse por uma nova forma de animação cultural que pode diminuir a distância entre as gerações.

A brinquedoteca favorece o encontro daqueles que apreciam as trocas afetivas, as brincadeiras e a convivência alegre e descontraída desvinculando o valor lúdico do brinquedo do seu valor monetário ou afetivo, possibilitando à criança a aprendizagem de que não precisa possuir com exclusividade, podendo sim usufruir partilhando com outros.

A brinquedoteca é um espaço criado para favorecer a brincadeira. É um espaço aonde as crianças (e os adultos) vão para brincar



livremente, com todo o estímulo a manifestação de suas potencialidades e necessidades lúdicas. Muitos brinquedos, jogos variados e diversos materiais que permitem a expressão da criatividade... na brinquedoteca brasileira, o trabalho está voltado para o brincar propriamente dito(CUNHA,1994 ,p.13)

Cada nova brinquedoteca que é aberta representa um espaço a mais para crescimento não só das crianças beneficiadas, mas, especialmente dos adultos que a elas se dedicam. O mundo de brinquedos é a primeira idéia que surge para quem entra na Brinquedoteca. Existem outros objetivos que são estipulados de acordo com as necessidades de cada clientela, dependendo dos tipos de brinquedoteca. De acordo com Kishimoto (1993), apesar das brinquedotecas terem por objetivo o desenvolvimento de atividades lúdicas, bem como o empréstimo de brinquedos e materiais de jogo, seus objetivos devem, de certo modo, adequar-se ao contexto em que está situada. Assim, apesar da semelhança física de uma brinquedoteca em hospital com aquela em uma escola, seus objetivos e sua função se diferenciam. Por outro lado, instituições de caráter semelhante podem também desenvolver brinquedotecas com objetivos diferentes. No geral, o objetivo de uma brinquedoteca sempre deve se adequar à demanda, aos objetivos da instituição e a uma análise do contexto em que está situada.

A brinquedoteca é um território onde são defendidos os direitos da criança à infância. Foi criada para a criança que não tem condições para brincar, pois trabalha e estuda ou que com a alta tecnologia, só assiste televisão ou só joga videogame. Para crianças que precisam ter sucesso na escola para conseguir afeto e atenção dos pais ou é tratada como um adulto em miniatura. Mas na verdade a brinquedoteca é para o divertimento de todas as crianças sem exceção.

De acordo com Cunha (1994), uma brinquedoteca pode ter várias funções, definidas como: função pedagógica que permite a seleção de brinquedos de qualidade possibilitando aos professores, pedagogos, psicólogos e demais profissionais, trabalhem às necessidade psicopedagógicas das crianças, função social que visa permitir que crianças de qualquer nível econômico possam ter acesso a uma variedade de brinquedos e jogos independentes de seu custo para aquisição, função comunitária que permite que crianças aprendam a respeitar regras, estimulando a troca de informações, reforçando o sentimento de cooperação e compreensão através do grupo de brincadeiras que se constrói no ambiente da Brinquedoteca e função cultural que possibilita a criação de um novo círculo de amizades entre as crianças que freqüentam à Brinquedoteca trocando informações.



A brinquedoteca teve sua origem na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, por volta de 1934 quando dono de uma loja de brinquedos queixou-se ao diretor da escola municipal de que as crianças estavam roubando brinquedos; o diretor chegou à conclusão que isto estava acontecendo porque as crianças não tinham com o que brincar. A partir desse episódio iniciou um serviço de empréstimo de brinquedos como um recurso comunitário. Este serviço existe até hoje e é chamado Los Angeles Toy Loan.

Contudo, foi na Suécia, em 1963, que a idéia de emprestar brinquedos foi mais enfaticamente desenvolvida e expandida, quando duas professoras, mães de crianças excepcionais, fundaram a primeira *lekotek* (ludoteca, em sueco), em Estocolmo. O objetivo era emprestar brinquedos e dar orientação às famílias de excepcionais sobre como brincar com seus filhos para melhor estimulá-los, este mesmo conceito é mantido até hoje e as *lekoteks* funcionam de forma semelhantes a uma clínica onde as consultas são marcadas previamente, o atendimento é individualizado e mantido com o suporte do Ministério da Saúde e Bem-Estar Social. Pessoas especializadas brincam com as crianças deficientes, junto com suas famílias, orientando-as para que possam continuar de maneira estimuladora em suas casas. Quando a criança não pode ir à *lekotek*, uma assistente especial vai à sua casa levar brinquedos. Esse trabalho terapêutico é exercido também de forma preventiva quando é levantada alguma hipótese de ameaça a normalidade do desenvolvimento da criança (doença grave ou problema familiar, por exemplo).

A filosofia básica do trabalho das *lekoteks* é a de que a criança aprende através do brinquedo, portanto, é necessário prover brinquedos adequados as suas reais necessidades.

Na Inglaterra, a partir de 1967, surgiram as *toy libraries*, bibliotecas de brinquedos, um lugar onde qualquer criança pode escolher brinquedos para levar para casa. Em 1976, foi realizado, em Londres, o Primeiro Congresso Internacional sobre o assunto. O trabalho, que era inicialmente só de empréstimo de brinquedos, foi se tornando cada vez mais abrangente. Em 1987, no Congresso Internacional de *toy libraries* realizado em Toronto, Canadá, já foi questionada a adequação do nome, visto que muitas outras finalidades foram sendo encontradas no trabalho desenvolvido pelas *toy libraries*, tais como apoio as famílias, orientação educacional de saúde mental, estímulo a socialização e resgate da cultura lúdica de cada povo.

Embora mantendo sempre o objetivo de propiciar as crianças melhores condições para brincar, o atendimento adquire em todos os países características próprias e, algumas vezes,



denominações diferentes; contudo o espírito do trabalho é semelhante no que se refere ao amor pelas crianças e ao reconhecimento do valor das atividades lúdicas.

A brinquedoteca é o espaço ideal para que seja cultivada uma forma de convivência espontânea democrática, alicerçada no respeito mútuo e renovada pela postura criativa de seus participantes. Seus dirigentes devem estimular a liderança das crianças e o respeito às normas estabelecidas. Para isso, pode-se sugerir a elas que criem as lideranças que julgarem necessárias ou divertidas, inventando nomes para essas novas funções. Brincando de exercer cargos, as crianças, além de se divertirem, aprendem que assumir responsabilidades e respeitar os direitos dos outros é vantajoso para todos.

Um trabalho importante que colaborou para a propagação das brinquedotecas no Brasil foi o Projeto Brinquedoteca Terapêutica. Iniciado em 1986, pela APAE de São Paulo, oferecia atendimento às famílias de crianças portadoras de deficiência.

Segundo Cunha (1994), em 1971, por ocasião da inauguração do Centro de Habilitação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE de São Paulo foi realizada uma grande exposição de brinquedos pedagógicos, com o objetivo de mostrar aos pais de crianças excepcionais e estudantes, o que havia a disposição no mercado em termos de brinquedos com finalidade pedagógica. As pessoas interessadas em adquiri-los não sabiam onde encontrá-los e os pequenos fabricantes que os produziam não tinham condições de divulgá-los, daí o interesse despertado pela exposição, que acabou sendo transformada em um setor de recursos pedagógicos dentro da APAE. Em 1973, este setor implantou o Sistema de Brinquedos e Materiais Pedagógicos, denominado Ludoteca. Todos os brinquedos existentes no Setor Educacional da APAE foram então centralizados e passaram a serem utilizados nos moldes de uma biblioteca circulante.

Esse sistema provocou uma maior valorização na utilização dos brinquedos e passou a ser objeto de interesse de um grande número de profissionais e estudantes das mais diferentes áreas, não só educadores, mas também médicos, enfermeiras, desenhistas industriais, estudantes de artes plásticas, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, pais e outras pessoas que se interessavam por brinquedos. Muitos artesãos iam ao setor para pedir sugestões e pesquisar novidades.

O Congresso Internacional de Pediatria, realizado em 1974 no Anhembi, na cidade de São Paulo, contribuiu para convencer as pessoas de que trabalhar com brinquedos era assunto sério. Nessa ocasião, a equipe de pediatria da Suécia apresentou um trabalho sobre a importância do brinquedo na recuperação de crianças hospitalizadas e na preservação da



saúde mental das crianças. O doutor John Lind, presidente da Associação Sueca de Pediatria, já conhecia o trabalho realizado na APAE e seu entusiasmo contribuiu para que o Setor de Recursos Pedagógicos fosse mais valorizado.

Em 1979, foi elaborado o livro Material Pedagógico-Manual de Utilização, a pedido do CENESP-MEC, publicado pelo MEC-FENAME em 1981, em dois volumes. Apresentava brinquedos como instrumento para enriquecer o processo de aprendizagem. Em 1981, este livro foi apresentado no II Congresso Internacional de Brinquedotecas, realizado em Estocolmo, Suécia. Causou certo espanto, pois não era esperado que do Brasil partisse um trabalho desse nível.

Em 1981, a Escola Indianópolis, em São Paulo, cria a primeira brinquedoteca brasileira, com características relacionadas as necessidades específicas das crianças brasileiras, priorizando o ato de brincar, realizando empréstimo de brinquedos e dando assistência direta à criança.

As brinquedotecas foram surgindo em todos os lugares. Em 1982 na cidade de Natal (RN), uma professora de excepcionais pede brinquedos pela radio local e inicia a primeira brinquedoteca do Nordeste.

Outro fato este que contribuiu certamente para o reconhecimento da importância do brinquedo no desenvolvimento infantil foi a inauguração da brinquedoteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 1985.

Apesar de a brinquedoteca ter sido criada inicialmente para o empréstimo de brinquedos, ela oferece uma multiplicidade de serviços, e evolui conforme as necessidades de cada país.

As brinquedotecas, inicialmente criadas para empréstimo de brinquedos, vêm, em seu processo de expansão, ampliando e diversificando o oferecimento de seus serviços. Serviços estes definidos em função do perfil da comunidade atendida e de seus objetivos. Neste sentido, encontramos diferentes tipos de brinquedotecas em: hospitais, escolas, bairros, clínicas, universidades, etc.(Kishimoto 1996, p. 55)

A brinquedoteca deixou de ser um espaço pensado para escolas ou para as crianças se divertirem simplesmente. Na atualidade, as atividades lúdicas envolvem diferentes setores da sociedade como: grandes empresas, universidades, escolas, hospitais, presídios, organizações não governamentais e tantos outros setores que reconhecem o valor da ludicidade para a melhoria de vida das pessoas.

2.1 Tipos de Brinquedoteca

Segundo Kishimoto (1998) as brinquedotecas podem ser caracterizadas como, brinquedotecas escolares: organizadas em um setor da escola, os alunos brincam e escolhem os jogos e brinquedos. Possui função basicamente pedagógica;

Brinquedotecas comunitárias: servem determinadas comunidades, funcionando como bibliotecas circulantes, em um caminhão ou ônibus que leva brinquedos a diferentes locais. As crianças podem, por um determinado período de tempo, ter contato com diversos brinquedos. Mantidas por associações, prefeituras ou organizações sem fins lucrativos, permitem à criança um espaço para expressar a cultura infantil e propiciam integração social;

brinquedotecas hospitalares: instituídas em um departamento do hospital onde as crianças hospitalizadas têm disposição brinquedos, que podem ser levados ou não para os leitos dependendo das condições clínicas do paciente. Auxiliam na recuperação e amenizam trauma psicológico da hospitalização através atividades lúdicas;

brinquedotecas universitárias: organizadas no ambiente universitário para funcionar nos moldes de uma biblioteca com brinquedos e materiais pedagógicos, para uso dos profissionais da educação e pesquisadores. Tem como objetivo fornecer subsídios para a prática pedagógica através dos brinquedos, desenvolvendo pesquisas que ressaltem a importância dos jogos e brinquedos para educação;

brinquedotecas em bibliotecas: organizadas e mantidas por bibliotecas públicas ou particulares. No Brasil, em geral, não realizam empréstimo de brinquedos. Em bibliotecas públicas, geralmente são instituídas através campanhas e doações de brinquedos. Utilizam espaço com liberdade para a criança brincar com brinquedos artesanais, confeccionados em oficinas oferecidas pela própria biblioteca ou com brinquedos mais sofisticados, tais como os eletrônicos.

Há também brinquedotecas para crianças portadoras de deficiências físicas ou mentais; brinquedotecas para teste de brinquedos; brinquedotecas em clínicas psicológicas; brinquedotecas em centros culturais; brinquedotecas temporárias, etc.

3. Brinquedoteca hospitalar

Esta brinquedoteca tem finalidade de tornar o ambiente hospitalar mais alegre e menos traumatizante, favorecendo melhores condições para recuperação da criança.

A Lei Federal 11.104, de 21 de março de 2005, dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em



regime de internação, reconhecendo a importância do brincar das crianças em situação de risco.

Art.1- Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.

Parágrafo único. - O disposto no caput deste artigo aplica-se a qualquer unidade de saúde que ofereça atendimento pediátrico em regime de internação.

Art 2 - Considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar.

Art.3- A inobservância do disposto no art. 1º desta Lei configura infração à legislação sanitária federal e sujeita seus infratores às penalidades previstas no inciso II do art. 10 da Lei nº 6.437, de 20 de agosto de 1977.

Art.4- Esta Lei entra em vigor 180 (cento e oitenta) dias após a data de sua publicação: Brasília, 21 de março de 2005.

Essa lei representa valiosa conquista das crianças que, quando internadas em unidades de saúde, públicas ou privadas, terão uma brinquedoteca, contribuindo para diminuir o sofrimento de um tratamento hospitalar, com resultados comprovados de ajuda para o restabelecimento da saúde da criança.

No Brasil, embora timidamente, muitas experiências têm demonstrado resultados positivos. Os objetivos mais marcantes das Brinquedotecas Hospitalares são: diminuir a ansiedade e os traumatismos dos rituais de hospitalização; fortalecer a estrutura familiar, recuperar e/ou fortalecer a auto-imagem, autoconfiança e auto-estima, estabelecendo relações amigáveis e prazerosas que procuram minimizar os entraves relacionados às doenças e ao tratamento.

O trabalho das brinquedotecas nos hospitais é atual e necessário para o bem estar de crianças e adolescentes no período em que estão internados. A brinquedoteca é um espaço onde as crianças e adolescentes aprendem a compartilhar brinquedos, histórias, emoções, alegrias e tristezas sobre a condição de hospitalização. Através das brincadeiras coletivas, elas desenvolvem aspectos de socialização, desenvolvimento motor e cognitivo. A brinquedoteca também permite uma aproximação entre pais e filhos e possui várias representações: é um espaço lúdico, terapêutico, político e pedagógico pois além de garantir o direito da criança poder brincar, se divertir, também é um espaço de formação de cidadania. Através do aprendizado do cuidado com o acervo de brinquedos, com a preservação do patrimônio e o



aprendizado do desprendimento e da posse dos brinquedos, seus freqüentadores aprendem conceitos de democracia e direitos sociais.

Em qualquer ambiente ou situação o brinquedo é o companheiro inseparável da criança, mas quando sua rotina é interrompida pela internação num hospital e este apresenta uma estrutura física inadequada para a criança, pode provocar danos que, muitas vezes, marca para sempre sua vida.

Cunha (1994) ressalta o papel da brinquedoteca hospitalar, como propiciadora de oportunidades de estimulação para o desenvolvimento da criança, para o favorecimento das relações familiares e para preparar a volta ao lar. Embora nem sempre recebam a denominação de brinquedoteca.

É inegável que a doença e a hospitalização significam, no mínimo, uma ameaça à integridade emocional da criança, podendo constituir-se numa situação estressante e traumática diante do que ela deverá enfrentar.

Os hospitais, normalmente, não estão preparados para o atendimento de crianças, pois quando ela é hospitalizada sua vida muda completamente. Ela deixa sua casa, seus amigos, seus brinquedos e encontram um ambiente diferente do habitual, com paredes sem cor, aparelhos estranhos, pessoas desconhecidas e uniformizadas que lhe oferecem remédios amargos, injeções, aparelhagens estranhas, exames complicados... Isto provoca medo, sofrimento, ansiedade e desconforto.

A hospitalização pode ser considerada como uma das situações mais ansiogênicas para uma criança. Neste período de hospitalização, as crianças se encontram fisicamente debilitadas, em sofrimento, afastadas de seu ambiente social e familiar, das atividades cotidianas escolares e de seus pares, deparando-se com um espaço desconhecido e “frio”, tendo em sua volta, pessoas estranhas vestidas de branco, com instrumentos assustadores e que, ainda, realizam procedimentos dolorosos e, tudo isto, misturado com a ansiedade, o medo e aliados à espera da alta.

Sendo o brincar um direito de toda criança, inclusive daquela que se encontra hospitalizada e, conhecendo os possíveis traumas psicológicos decorrentes da hospitalização, promover o espaço da brinquedoteca para a criança brincar permite representar seus medos e ansiedades proporcionando um meio para enfrentar tal condição de estresse. Também permite lidar com o complicado e estressante processo de viver, de se comunicar e de estabelecer relacionamentos satisfatórios com outras pessoas, utilizando-se do brincar como linguagem, uma forma de expressão e uma maneira pela qual a criança pode dizer aquilo que não pode ser



expresso por palavras, além de trabalhar com a auto-estima colaborando com a recuperação da criança e amenizando o trauma psicológico da internação por meio da atividade lúdica possibilitando assim o direito de a criança brincar.

As consequências psicológicas de uma hospitalização são múltiplas: problemas de sono, de comportamento, de apetite e dificuldades escolares. A criança doente continua sendo criança e, para garantir seu equilíbrio emocional e intelectual, o jogo é essencial. A criança impossibilitada de brincar tem seu desenvolvimento comprometido e seu equilíbrio emocional perturbado.

Com frequência, para aceitar, compreender e ultrapassar o problema vivido pela internação, a criança brinca de ser médico. Os doentes são as bonecas, os ursos, os companheiros de quarto. Com roupas, máscaras estetoscópios, aparelhos de medir pressão, seringas e bandagens, a criança brinca e representa sua própria condição de criança hospitalizada. Por meio de tais brincadeiras ela encontra mecanismos para enfrentar seus medos e angústias. Estimulá-las em tais brincadeiras é auxiliá-las na sua recuperação.

A brincadeira, além de desenvolver uma série de atividades lúdicas, assume uma fundamental importância no processo de atividade infantil, assume a função de promover o desenvolvimento da criança enquanto indivíduo e a construção do conhecimento. (KISHIMOTO, 1995, p.14).

Quando uma criança ou adolescente sofre uma internação hospitalar, há uma modificação no seu curso de desenvolvimento e na sua forma de ver o mundo.

O brincar no hospital além de possibilitar uma situação prazerosa já conhecida no seu cotidiano antes da hospitalização também mantém o vínculo com a vida que ocorre fora do hospital. O brincar revela-se como um sinal de saúde num contexto que tem como principal objetivo a cura de uma doença. A internação promove uma série de alterações na rotina e na vida da criança, do adolescente e dos seus familiares.

Para assisti-los, faz-se necessária uma atuação que busque diminuir os efeitos da doença e do seu tratamento, pois, muitas vezes, eles acometem às crianças e aos adolescentes de forma global. Portanto, nos hospitais, são necessários investimentos materiais, humanos e físicos para que as crianças e os adolescentes possam dar continuidade ao seu processo de desenvolvimento, tendo acesso a diferentes tipos de materiais, as possibilidades interativas e a ações no ambiente hospitalar. Apesar dos pacientes vivenciarem momentos de fragilidade, continua tendo sentimentos, sonhos e desejos. Desta maneira, é essencial que sejam



encontradas alternativas de atividades nas quais possam continuar participando das ações voltadas à infância e à adolescência.

Para se comunicar com as crianças em todas as partes do hospital é necessário ser capaz de conceber a situação global da criança. Devem-se adotar medidas tanto para locais e o equipamento de jogo como para a compreensão das necessidades da criança e o conhecimento de sua reação às diferentes situações.

O brincar e o rir são atividades essenciais à saúde física, emocional e intelectual do todo ser humano. O significado e as implicações do trabalho realizado pelos Doutores da Alegria, palhaços que divertem as crianças e os adolescentes nos hospitais brasileiros, são descritos por Masetti (1998, p.70) que afirma:

A mudança de comportamento das crianças é o resultado mais marcante do trabalho dos palhaços. Em muitos casos, essas mudanças são importantes. Crianças que estavam prostradas se tornaram mais ativas. As quietas passaram a se comunicar mais. As que choravam passaram a sorrir e também a se queixar menos de dores. Observou-se melhora e aumento de contato e colaboração com a equipe e com o tratamento médico. Estes foram dois aspectos significativos. As crianças passaram a se alimentar melhor e aceitar mais as medicações e exames. Segundo os profissionais, há também uma melhoria na imagem da hospitalização em si. Modifica-se a percepção do hospital como um ambiente hostil.

Nas brinquedotecas hospitalares, percebe-se a necessidade de reinventar a realidade. Estes espaços, além de tornarem o ambiente hospitalar mais acolhedor, também oportunizam situações de socialização e desenvolvimento das habilidades dos pacientes como: atenção, concentração, afetividade, cognição, dentre outras.

Quando se faz necessário hospitalizar uma criança é preciso cuidar para que haja espaços para brincar em todos os lugares de tratamento delas. O material para brincar, escolhido para as crianças de diferentes idades, deve ser disposto em estantes e armários abertos. Cada vez que uma criança é hospitalizada, os pais e a equipe devem ter à mão material para brincar apropriado para dar às crianças.

3.1 A Pedagogia dentro do hospital

A Pedagogia é um campo de atuação da educação que lida com o processo de construção do conhecimento, e o profissional dessa área é o mais apto a mediar e nortear a educação, que por sua vez é guiada pela fixação de regras que só se colocam por conta da



existência de objetivos educacionais. Por outro lado sabemos que o ambiente hospitalar é um centro de referência e tratamento de saúde, que acaba por gerar um ambiente muitas vezes de dor, sofrimento e morte, causando uma forma de ruptura dessas crianças e adolescentes com os laços que mantêm com seu cotidiano e produção da existência da construção de sua própria aprendizagem. Mediante a problemática de saúde que requeiram hospitalização, independente do tempo de internação, através das políticas públicas e estudos acadêmicos, surge a necessidade da implantação da Pedagogia Hospitalar.

A Pedagogia Hospitalar há anos está lutando para saber concretamente sua verdadeira definição. Ela se apresenta como um novo caminho tomado no meio profissional da educação, com um bom desempenho na conquista de seus ideais. É um processo educativo não escolar que propõe desafios aos educadores e possibilita a construção de novos conhecimentos e atitudes.

O atendimento Pedagógico Hospitalar teve seu início na década de 50, na cidade do Rio de Janeiro no Hospital Escola Menino Jesus, serviço esse que se mantém até atualidade; servindo como um resgate da criança e ou adolescente, fazendo um elo entre sua realidade atual, como interno, e a vida cotidiana. O Profissional que atua na Pedagogia Hospitalar, tem formação de educador e que por meio de diversas atividades pedagógicas, acompanha e intervêm no processo de aprendizagem do educando, além de fornecer subsídios para a compreensão do processo de elaboração da doença e da morte, explicar procedimentos médicos e auxiliar a criança e o adolescente na adaptação hospitalar, dando oportunidade para que os mesmos possam exercer seus direitos de cidadãos.

A pedagogia hospitalar vem crescendo gradativamente nos últimos anos por dar importância ao crescimento sócio-afetivo da criança e do adolescente, e por ser um direito humano. Isso faz com que essa área venha sendo trabalhada e discutida por vários teóricos para atender às necessidades educacionais das crianças hospitalizadas. Envolve atividades como promover a qualidade de vida de crianças hospitalizadas, propiciar uma rotina próxima ao período antes da internação e acesso à educação. De acordo com o Documento Classes Hospitalares (2002, p. 22) afirma que:

o professor que irá coordenar a proposta pedagógica em classe hospitalar ou em atendimento pedagógico domiciliar deve conhecer a dinâmica e o funcionamento peculiar dessas modalidades, assim como conhecer as técnicas e terapêuticas que dela fazem parte ou as rotinas da enfermagem ou dos serviços ambulatoriais e das estruturas de assistência social.



Dessa forma, o atendimento em classes hospitalares exige do pedagogo conhecimento e articulação com diversas áreas conhecendo as atividades de todos os profissionais envolvidos, médicos, enfermeiras, assistente social, dentre outros.

A Pedagogia Hospitalar dividi-se, basicamente em três modalidades:

Classe Hospitalar – Refere-se à escola no ambiente hospitalar na circunstância de internação temporária ou permanente, garantindo o vínculo com a escola e/ou favorecendo o seu ingresso ou retorno ao seu grupo escolar correspondente.

Brinquedoteca – Brincar é muito importante para a criança, pois é por meio desta ação que ela desfrute de plenas oportunidades que possibilita desenvolver novas competências e aprender sobre o mundo, sobre as pessoas, e sobre si mesma. A brinquedoteca socializa o brincar, resgata brincadeiras tradicionais, e é o espaço onde está assegurado à criança o direito de brincar.

Recreação Hospitalar – Atividade que oferece a oportunidade da criança brincar, mas brincar não se limita somente ao contato ou interação com o objeto brinquedo, fundamental é constituir a possibilidade de uma atividade que pode ser realizada em um espaço interno ou externo.

O pedagogo é um profissional que trabalha com as questões de ensino e aprendizagem e, para tanto, deve estar preparado para trabalhar em qualquer ambiente em que possa de alguma maneira, proporcionar aprendizagem, seja ela formal ou não.

A visão humanística que muitos dos hospitais do Brasil procuram enfatizar na sua prática vem demonstrando que não é só o corpo que deve ser "olhado", mas o ser integral, suas necessidades físicas, psíquicas e sociais. O pedagogo, ao promover experiências vivenciais dentro de um hospital - brincar, pensar, criar, trocar estará favorecendo seu desenvolvimento, que não deve ser interrompido em função de uma hospitalização.

A aprendizagem pode ocorrer em um espaço institucionalizado, em um clima social onde a interação com a cultura de forma articulada se faz presente.

Dentro do hospital, o pedagogo tem a função de orientar, estimular e motivar a pessoa enferma e hospitalizada a prosseguir com seu aprendizado, afinal ela continua em crescimento e desenvolvimento. Muito antes de ser um “paciente internado” é um ser em aprendizagem, construindo entendimento e concepção de mundo, de vida e de sociedade. Este processo não pode e não deve ser interrompido por ocasião de uma internação.

O pedagogo, ao desenvolver um trabalho educativo com a criança internada, também trabalha o lúdico de forma que alivie possíveis irritabilidades, desmotivação e estresse do



paciente. A continuidade dos estudos no período de internamento, traz maior vigor às forças vitais do educando, existindo aí um estímulo motivacional, tendo várias ações preponderantes e desencadeantes para sua recuperação. Dessa maneira nasce uma predisposição que facilita sua cura.

O homem não deixa nunca de aprender, de adquirir conhecimento, nem mesmo quando se encontra em situação de fragilidade, como muitas vezes ocorre nas instituições hospitalares, e a função do pedagogo é auxiliar na manutenção e no prosseguimento dessa aprendizagem, trabalhando por seu desbloqueio e por sua potencialização.

É nesse ponto que se faz necessária a atuação do pedagogo hospitalar ou do pedagogo nas equipes de saúde em pediatria.

4. Considerações Finais

A brinquedoteca hospitalar tem sido entendida como um novo pensar pedagógico, pois a criança aprende enquanto brinca, além de amenizar os traumas causados pela internação. Por meio do jogo, do brincar e da brincadeira a criança desenvolve-se espontaneamente, formando seus próprios pontos de vista, aprendendo a consentir com as regras do jogo, a aceitar a opinião dos parceiros, a tomar iniciativa e decisões, além de conviver melhor com a sua própria doença.

A experiência do sucesso na instalação de uma brinquedoteca terapêutica hospitalar se materializa na prática do dia-a-dia da equipe de profissionais e voluntários, através de uma educação lúdica e humanizadora, onde haja interação, troca, carinho e ampliação do conhecimento intelectual e emocional, atuando junto aos pacientes e suas famílias, que têm nesse espaço um lugar de "vida", onde tudo se diferencia da rotina hospitalar sem, no entanto, afastar-se dela.

O papel do pedagogo hospitalar, principalmente dentro de uma brinquedoteca, é possibilitar à criança a construção de novos conhecimentos de forma prazerosa, por meio do lúdico, levando em conta que o brincar é uma atividade própria da criança, a porta pela qual ela entra em contato com outras pessoas e com as coisas, um instrumento para a construção coletiva do conhecimento. A criança necessita brincar para ser ela mesma, para desenvolver-se, para construir conhecimentos, expressar suas emoções, entender o mundo que chega até ela. Pode-se afirmar que toda criança tem o direito de brincar, inclusive aquela que se encontra hospitalizada e que os adultos (principalmente os educadores) têm obrigação de



possibilitar o exercício desse direito, assegurando a sobrevivência dos sonhos e promovendo uma construção de conhecimentos vinculada ao prazer de viver.

Este novo campo de atuação do pedagogo tem tudo para ampliar-se e proporcionar muitas aprendizagens significativas tanto para as crianças atendidas nas brinquedotecas hospitalares e seus acompanhantes, quanto para os profissionais que interagem com elas. Afinal, a alegria, a magia, o encanto estarão sempre norteando, não somente as crianças, mas todos aqueles que consideram e acreditam que o lúdico sinaliza um mundo melhor, mais colorido e mais humano.

Referências Bibliográficas

BRASIL. MEC. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/ SEESP, 2002.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: definição, histórico no Brasil e no mundo**. In: FRIEDMANN, A (org) **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Scritta, 1992, p. 35-48

CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 3ª. ed. Vetor, S Paulo, Brasil, 2001.

FONSECA, Eneida Simões. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.

KISHIMOTO, T. M. **Diferentes tipos de brinquedoteca**. In: Friedmann, A. **O direito de brincar: A Brinquedoteca**. 4. ed. São Paulo: ABRINQ, 1998. p. 53-63.

MACEDO, J.J. **A criação de uma brinquedoteca hospitalar com enfoque psicodramático**. p. 63-69. In: Dráuzio Viegas (Org.). Rio de Janeiro: Ed. WaK, 2007.

MASETTI, Morgana. **Soluções de palhaços: transformações na realidade hospitalar**. São Paulo: Palas Athena, 1998.

MITRE, R. A; GOMES, R. **A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde**. Ciênc. saúde coletiva. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>

SANTIAGO, R. **Termina o prazo para construção de brinquedotecas em hospitais**. Folha de São Paulo. Disponível em: www.uol.com.br/folha/cotidiano.

SANTOS, S. M. P. et al. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 144p.

SANTOS, S. M. P. (org). **Brinquedoteca: a criança e o Lúdico**. Petrópolis: Vozes, 2000.